



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

A divulgação científica cindida entre a objetividade e subjetividade: algumas reflexões e contribuições

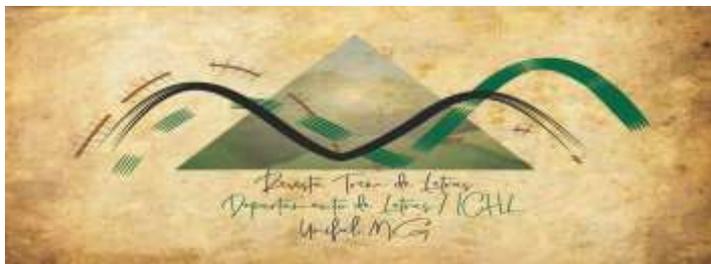
Jackson Wilke da Cruz Souza
Universidade Federal de Alfenas

Resumo

Minha finalidade neste ensaio é destacar como a Divulgação Científica (DC) pode ser conceituada a partir da prática, cindida entre objetividade e subjetividade. A esfera subjetiva e os atores envolvidos em atividades de DC vem sendo pouco pontuados na área de DC. Assim, a partir das concepções pontuadas e das experiências relatadas sobre uma ação de divulgação na área de estudos da linguagem, espero contribuir em suscitar reflexões, discussões e diálogos ligados à DC e à subjetividade nela implicada, além de tentar provocar (algum) movimento dentro do próprio campo acadêmico.

Palavras-chave: Divulgação científica. Estudos da linguagem. Linguística.

Submetido em: 05/12/2021
Aceito em: 20/12/2021
Publicado em: 30/12/2021



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Jackson Wilke da Cruz Souza



Doutor (2021) e Mestre em Linguística (2015) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Bacharel em Linguística (2012) pela UFSCar. Pesquisador do Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas (GPLin) e do Data Science Research Group (DSRG). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, onde trabalha com ensino, pesquisa e extensão ligados à Comunicação, Divulgação Científica, Linguística de *corpus* e Processamento de Línguas Naturais.



<http://lattes.cnpq.br/0019187301069627>



<https://orcid.org/0000-0003-1881-6780>



<https://www.researchgate.net/profile/Jackson-Souza-9>



A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA CINDIDA ENTRE A OBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE: ALGUMAS REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES

Jackson Wilke da Cruz Souza (Universidade Federal de Alfenas)¹

1 Introdução

Analisando os dados do relatório proposto pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) (2017) acerca da percepção pública sobre Ciência e Tecnologia (doravante, C&T), é importante analisarmos dois grandes fatores que nos ajudam a compreender o atual contexto sobre Divulgação Científica (DC) no Brasil.

De acordo com o referido relatório, 35% da população brasileira se define interessada e 26%, muito interessada em assuntos relativos à C&T. Desses brasileiros, a maioria possui Ensinos Médio completo e Superior incompleto (37% interessada e 32% muito interessada) ou o Ensino Superior completo (32% interessada e 51% muito interessada). Além disso, quanto maior a renda *per capita* dos entrevistados, maior o interesse em C&T: a partir de cinco salários-mínimos, o interesse concentra-se entre interessada e muito interessada. Tais apontamentos são inversamente proporcionais quando comparados a situações de baixa instrução formal e de baixa renda. Há, portanto, um perfil socioeconômico sobre a cultura científica, além de espaços específicos de circulação de informação estruturada.

¹ E-mail: jackson.souza@unifal-mg.edu.br



Além de aspectos socioeconômicos, atualmente, há uma conjuntura ideológica que fomenta *desinformação* (Oliveira, 2020; Galhardi *et al.*, 2020), *disseminação de notícias falsas* (Alencar *et al.*, 2021; Moro; Egert, 2021) e o *avanço de pensamentos anti e pseudocientíficos* (Scherma; Miranda, 2020; Caparó; Alarcon, 2021). Todos esses discursos estruturam ações práticas de desarticulação e descrédito para com a Ciência e de todos seus agentes envolvidos: professores, pesquisadores, instituições de ensino e pesquisa. Como resultado, não é difícil constatar que a reprodução desses discursos é constante em espaços pouquíssimos visitados pela Academia, como praças, filas, supermercados, redes sociais. Por vezes, até dentro da própria Academia.

Segundo Escobar (2009), o Brasil é o 13º país em que se produz mais ciência no mundo, promovida, em geral, por universidades públicas (o que representa 60% de toda essa produção). Embora esse fato seja constatado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), resultando na revisão e na ampliação do espectro de Qualis dos periódicos científicos do país, a maior parte daquilo que é produzido e publicado no campo científico tem como destinatário pesquisadores especialistas em seus respectivos temas e áreas de formação e atuação científica.

De acordo Muniz (2018), a universidade se comunica quando seus pesquisadores publicam artigos, organizam congressos e seminários. Porém, o autor destaca que o público participante desses instrumentos de comunicação é majoritariamente especialista em áreas ou temas promovidos pela universidade. Muniz (2018) ainda ressalta que esse tipo de comunicação atinge indiretamente a comunidade externa à universidade, e que esta deveria articular estratégias efetivas de atingir o público leigo, como a proposição de uma assessoria de imprensa, por exemplo.



Apesar de a comunicação científica (aquela realizada entre os próprios pares) ser ampla e bastante motivada por políticas de publicação constante de professores e pesquisadores para que sejam regularmente avaliados por agências de fomento governamentais e/ou privadas, as produções em DC têm ganhado notoriedade, especialmente nos tempos recentes. Subjacente a um *projeto de dizer*, a universidade tem compreendido que é necessário se comunicar com setores civis que muito possivelmente não a enxergam como polos de produção do conhecimento científico.

Seria demasiadamente ingênuo pontuar que o que foi apresentado até aqui se trata apenas de uma *cenarização desafiadora*. Coercitivamente, estamos inseridos em uma arena em que o embate se constitui *na e pela* língua(gem), ora dando voz, ora silenciando sujeitos, discursos e ideologias para cumprir uma agenda de dominação. Aqui há um espaço bastante interessante para a DC, entendendo-a como prática e, dessa maneira, concebendo-a dentro de um *projeto discursivo e dialético de dizer*. Isso significa que devemos atribuir funções específicas a seus atores envolvidos no processo de produção, circulação e recepção de suas produções, além de entender a DC como uma das ferramentas de resistência aos movimentos de silenciamento científico que vêm ocorrendo, dentro e fora do campo acadêmico.

Assim, meu objetivo neste ensaio é destacar como a DC pode ser conceituada a partir da prática, capaz de tocar em esferas objetivas e subjetivas de sujeitos e discursos. Por conta disso, organizei este texto em outras três seções, além desta Introdução. Na Seção 2, faço um panorama teórico sobre a DC, dando destaque às noções que a constitui como área. Na Seção 3, localizo a DC em uma concepção mais subjetiva a partir do relato de uma de minhas práticas de difusão da ciência na área de estudos da linguagem. Por fim, na Seção 4, teço algumas considerações finais, ainda que muito distante de esgotar



este assunto, com vias a apontar trabalhos futuros que se desdobram a partir dos relatos e experiências aqui compartilhados.

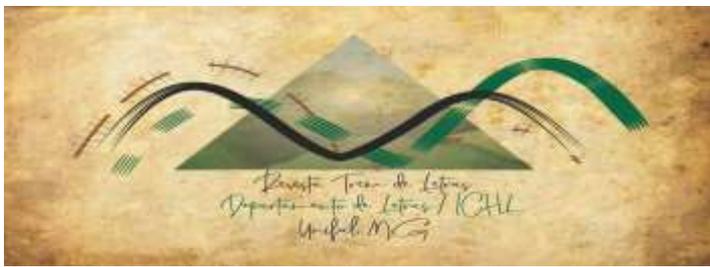
2 Panorama sobre noções definitórias de Divulgação Científica

É interessante observar que as noções sobre DC que foram sendo construídas e reproduzidas estão no interior de processos de produção, circulação e recepção de *textos*², os quais estão subjacentes ao contexto sócio-histórico vigente, transformando, ressignificando e reformulando os próprios textos.

Moreira e Massarani (2002) apontam que a DC já esteve atrelada a interesses políticos, desde sua instauração no Brasil com a chegada da Família Real e, conseqüentemente, no desenvolvimento da imprensa local na, até então, colônia. Para tanto, as autoras analisam o percurso histórico da DC em três grandes momentos, a saber:

- (i) Início do século XIX, em que houve a transferência da Corte portuguesa para o Brasil, possibilitando maior circulação de livros científicos entre a elite, bem como sua participação em academias científicas que discutiam temas pertinentes às áreas de física, química, história natural, medicina, farmácia e agricultura;
- (ii) Segunda metade do século XIX, ainda decorrente do período anterior, apresentando desenvolvimento científico restrito a uma pequena parcela de

² Aqui, tomo a noção de texto alinhando-me a Ribeiro (2013, p. 21) que defende que texto é mais que um projeto de dizer: trata-se de um resultado de “seleções, decisões e edições não apenas de conteúdos, mas de formas de dizer”. Assim, a noção de texto é tida como uma tessitura daquilo que se pretende dizer e dos sentidos que se desejam construir a partir dos mecanismos com que o autor possui em materializar o próprio texto, como a oralidade, a escrita, o verbo-visual, etc.



estrangeiros residentes no Brasil ou brasileiros que seguiram cursos em instituições estrangeiras de ensino superior, resultando em algumas revistas, museus e exposições de DC, porém sempre voltados à elite;

(iii) Século XX, período marcado pela vulgarização científica, em que os tópicos debatidos não eram mais restritos à elite, mas começava a alcançar outras camadas sociais, o que propiciou a criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948, além da criação de diversas associações e revistas de DC.

Segundo Moreira e Massarani (2002), o período em (ii) é interessante notar que os principais divulgadores são homens ligados à ciência por sua prática profissional (professores, engenheiros ou médicos) ou por suas atividades científicas (como naturalistas), não sendo relevante a atuação de jornalistas e escritores interessados em ciência, algo em profusão atualmente. Além disso, as autoras destacam que o que ganha destaque nas diversas atividades de DC no país referem-se predominantemente a tópicos de aplicações práticas de ciência, o que também, em certa medida, não foi superado, tendo como exemplo o diminuto espaço que assuntos ligados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas possui, o que reforça uma memória coletiva sobre o conceito de Ciência.

A noção de DC não é consenso entre os estudiosos da área. Uma primeira noção de DC que tomo aqui é tida como *tradução* ou *reformulação discursiva* (Souza, 1998; Finatto; Evers; Stephani, 2016). Os textos de divulgação apresentam mecanismos e estratégias de facilitação discursiva que fazem com que conceitos e métodos científicos sejam deslocados de linguagem inacessível para uma proposta mais acessíveis a leigos. O resultado nem sempre agrada aos cientistas e pesquisadores, especialmente se o texto de divulgação não tiver sido produzido por eles mesmos, pois argumentam que o

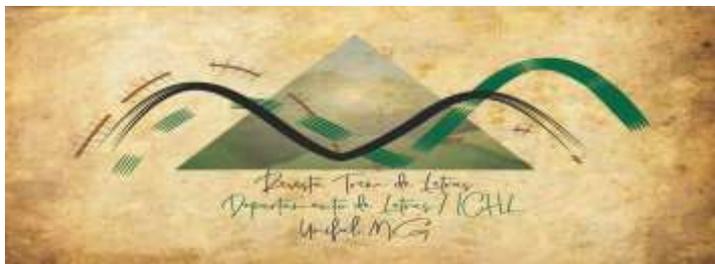


que está representado naquelas linhas torna simplista ou distorcido todo o trabalho científico realizado.

Por outro lado, os estudiosos da DC como reformulação discursiva apontam que as estratégias linguísticas utilizadas são para fazer confluir o discurso científico e o discurso que seja familiar ao público. Nesse processo, é importante que especialista, público e divulgador científico trabalhem em conjunto (Authier-Revuz, 1999) para compreender demandas e propor possíveis respostas em suas produções textuais.

A noção de DC sobre gênero discursivo (Zamboni, 2001; Grillo; Olímpio, 2006; Cunha; Giordan, 2015) entende a área como um gênero específico, não se limitando a um certo número de práticas de reformulações discursivas. Nessa perspectiva, as análises centram-se a caracterizar os textos em função de seus padrões lexicais, estruturas frasais (como o uso de primeira ou terceira pessoa), o que distanciaria o gênero DC dos discursos jornalístico e científico (Leibruder, 2003). Entretanto, a produção em DC demonstra que a composição de textos nessa área é feita por utilizar elementos culturais, midiáticos, jornalísticos e científicos. Assim, ao invés de ter apenas um único gênero, na verdade, é a realização de diversos gêneros em si, como o artigo, reportagem, entrevista, editorial etc. (Grillo; Olímpio, 2006).

Outra noção é a *alfabetização científica* (Sasseron; Carvalho, 2016; Magalhaes; Silva; Gonçalves, 2017), em que a DC conta como veículo substancial o livro didático. Dessa perspectiva, os textos de divulgação são tomados como recursos didáticos que atendem e se adequam às situações de ensino. Nesse lugar, a DC é capaz de construir e reproduzir uma memória coletiva da figura do cientista, ancorando-a a disciplinas de ciências exatas e/ou biológicas, ou que utilizam apenas métodos experimentais como metodologia científica.



Em contrapartida, ainda nessa noção, algumas atividades de DC vêm atuando para além da sala de aula, entendendo que a alfabetização científica deve alcançar não apenas crianças e jovens, mas também adultos que já passaram pelo processo formativo escolar inicial. Lima e Giordan (2017, 2018) ressaltam que a atividade de divulgação com esse objetivo deve partir de práticas socioculturais de determinados grupos, estabelecendo interação dialógica entre alunos e professores.

Por fim, há quem compreenda a DC como *vulgarização* ou *popularização científica* (Germano; Kulesza, 2007; Duarte; Barros, 2003; Monteiro, 2016). Nessa perspectiva, o que se destaca é o fato de a DC poder ser efetivada por meio de diferentes ações, como feiras, museus, exposições, recuperando elementos da cultura e história.

A maioria dessas concepções de DC estão calcadas na pressuposição de textos escritos, restritos a suportes que veiculem essa modalidade de texto, como revistas físicas e/ou eletrônicas. Alinhado à perspectiva Lima e Giordan (2021), defendo que a DC deva ser encarada como *prática* e não simplesmente como reformulação discursiva. Certamente, admitindo essa perspectiva, não conseguimos deslocar a análise de aspectos relacionados à construção e/ou reformulação dos enunciados linguísticos, ou a utilização de recursos multimodais para a veiculação do texto, ou ainda aspectos de estilo, tema e composição do gênero.

Se nos limitássemos à reformulação discursiva, o que seriam de museus, acervos e exposições que se comprometem em guardar e tornar acessíveis os saberes científicos à população? O que seriam dos eventos em escolas e universidades que tentam atrair jovens à metodologia científica com diversas experiências ou idas aos laboratórios e bibliotecas, por exemplo? Onde enquadraríamos os projetos de extensão universitária que, sem declarar antecipadamente sua correlação com o viés científico, reelabora



práticas de ensino, fazendo com que a comunidade externa vislumbre possibilidades de ser e estar no mundo?

Talvez, o vislumbre de possíveis respostas a essas perguntas (e tantas outras) esteja no confluir entre cultura científica e demais esferas em que a sociedade atua. Lima e Giordan (2021) chamam à atenção ao fato de ser possível recuperar no texto de DC aspectos relacionados à cultura científica, como a necessidade de referenciar o que está sendo enunciado, ou ainda aspectos culturais.

Em outro texto (Silva; Souza, 2021), em coautoria, refletimos sobre a figura feminina nas letras de Chico Buarque, atrelando a discussão à teoria da Análise do Discurso. Nosso público-alvo eram leitores que, a princípio, não dominavam metodologias e jargões científicos dessa área de estudos da linguagem. Nosso desafio inicial foi olhar para a literatura e compreendê-la a ponto de poder explicá-la de forma simples, mas não abandonar princípios de exatidão e compromisso científico. Para tanto, decidimos partir de um elemento da cultura popular (no caso, as músicas de Chico Buarque) para que, ao longo do texto, pudéssemos inserir conceitos importantes à Análise do Discurso, como *formações discursivas*.

Um texto de DC que se propõe a fazer uma análise linguística, pouco convencional daquelas vastamente exploradas em sala de aula em disciplinas de Gramática e Língua Portuguesa, deve se preocupar em tentar construir vínculos com o leitor. Assim, outro ponto que vale destacar desse nosso trabalho é que tentamos aproximar o interlocutor à nossa análise com construções como “Muito provavelmente, você já deve ter ouvido alguma música do álbum ‘Construção’, de Chico Buarque, de 1971” (Silva; Souza, 2021).

Essas poucas estratégias discursivas recuperadas referem-se à produção de um texto cuja modalidade se deu no âmbito escrito. Entretanto, como visto, a DC pode ser



compreendida de maneira prática, escapando dos limites impostos pelo texto. Na próxima seção, quero destacar uma das ações de DC que desenvolvi nos últimos dois anos, a partir dessa noção de divulgação como *práxis* e não apenas como reformulação discursiva.

3 Compartilhando experiências de divulgação a partir da prática

Ando me questionando sobre um aspecto pouco relatado na literatura sobre a DC. Até aqui, procurei pontuar como a DC é plural, do ponto de vista conceitual, e poder ser revertida em diversas ações e produções. Entretanto, a esfera subjetiva da divulgação é pouco relatada; e é neste e sobre este lugar que ando refletindo.

Fui coordenador do projeto de extensão “(F)Atos da linguagem: entre a lógica e a linguística”³, entre os anos de 2020 e 2021. O objetivo norteador desse projeto foi aplicar a metodologia ativa de Resolução de Problemas por meio da solução de questões da Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL)⁴ junto a alunos dos Ensinos Fundamental e Médio. Estrategicamente, a proposição do projeto foi feita com uma professora de Matemática para que pudessemos trabalhar interdisciplinarmente a Linguística e a Lógica.

Os primeiros alunos universitários envolvidos com o projeto chegaram e traziam consigo motivações que mostravam a paixão pelo universo da leitura e dos números. Eles

³ Projeto registrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) sob os números PREAE 5366 e 5215.

⁴ A OBL, fundada em 2011, busca introduzir problemas linguísticos inteiramente novos e não-familiares, exigindo dos estudantes um intenso trabalho lógico para montar estruturas implícitas por meio de padrões. Para saber mais, acesse: <https://obling.org/>



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

enxergaram a possibilidade de contribuir com ricas reflexões acerca da língua(gem) e o pensamento lógico-indutivo nas unidades escolares que seriam atendidas pelo projeto. Ali já estava um primeiro lugar em que me deparei com a subjetividade da DC nos próprios divulgadores científicos: a motivação dos sujeitos envolvidos na execução de uma ação de DC e como essa ação tem potencialidade de transformar esses sujeitos.

Veio, então, a pandemia de Covid-19, e todo o planejamento de desenvolvimento de ações presenciais nas escolas tiveram de ser revertidas em treinamento on-line dos nossos alunos universitários. Essa fase foi essencial para que os estudantes tivessem familiaridade com a Linguística (pouquíssimo trabalhada e divulgada na fase escolar) a partir do pensamento lógico, além da própria formação sobre os conteúdos que seriam trabalhados no projeto, já que eram estudantes de Ciências Sociais Aplicadas e não de cursos universitários ligados aos estudos da linguagem, como Letras e Linguística.

A pandemia perdurou, mas apresentamos nosso projeto a duas escolas do município de Varginha/MG, a saber, Escola Estadual Brasil (lugar em que trabalhamos com estudantes do Ensino Fundamental I) e o Centro Federal de Educação Tecnológica (em que atendemos estudantes do Ensino Médio). As escolas se tornaram nossas parceiras e começamos a trabalhar a segunda rodada (ainda virtual) do projeto de extensão, com um grupo um pouco maior de alunos universitários que já tinham ouvido falar do nosso projeto.

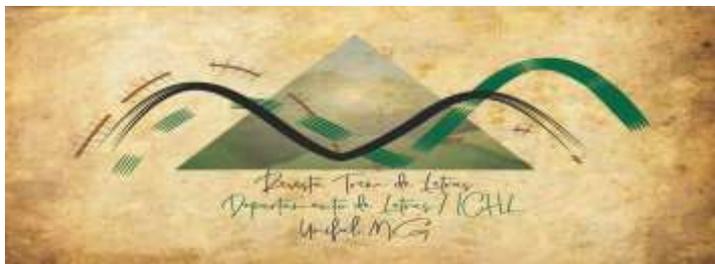
Estava ali diante das esferas da DC e seus respectivos sujeitos-atores. De um lado, aqueles que construiriam conosco a ação extensionista (no caso, as unidades escolares) e os divulgadores científicos (no caso, professores orientadores e alunos universitários).

Não se tratou apenas de formar alunos universitários para atuarem conosco em um projeto de extensão. Nossos alunos universitários traziam consigo motivações que os

Dossiê Pesquisa e divulgação científica na área de Letras

Revista Trem de Letras	Alfenas, MG	V. 8	n.3	1-20	e021004	2021
------------------------	-------------	------	-----	------	---------	------

ISSN 2317-1073



impulsionavam a tentar mover estruturas sociais, as quais eles mesmos estavam inseridos poucos meses antes de ingressarem na universidade. Foi por meio de uma ação de divulgação da ciência que esses alunos se tornaram protagonistas de suas trajetórias ao atuarem como mediadores entre os alunos das escolas e o conhecimento.

Não se tratou simplesmente de resolver os problemas da OBL durante os encontros virtuais. Os alunos das escolas conheceram um método pouco trabalhado na sala de aula e de maneira interdisciplinar, tendo como fator motivador o contato com outras língua(gen)s e culturas estrangeiras. Durante os encontros, o trabalho demonstrou como resgatar a curiosidade e o desafio em responder questões que instigavam os alunos. Ainda que não fosse o objetivo principal do projeto, comentávamos sobre o ingresso no Ensino Superior, motivando e empoderando os alunos das escolas a também serem os protagonistas de suas trajetórias: tanto ali resolvendo os exercícios, quanto *a posteriori* na jornada de formação intelectual.

Não se tratava apenas de uma metodologia de ensino-aprendizagem pouco explorada. Os professores das escolas parceiras estavam se abrindo para somar esforços de enfrentamento de dificuldades enfrentadas durante suas aulas, possibilitando que seus alunos e eles mesmos aproximassem conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática ora distantes entre si, ora da própria realidade dos alunos.

Ao sublinhar que há uma esfera subjetiva na DC refiro-me a constatações de construções ideológicas que vão além da própria popularização da ciência. Ao entrarmos em uma sala de aula – ainda que de maneira virtual – para trabalharmos problemas da OBL, acessamos o imaginário do *ser cientista da linguagem* nos alunos, a partir do resgate da curiosidade diante do desafio. Pudemos demonstrar outras possibilidades de ser e estar no mundo como pesquisador da língua(gem), além do *ser professor*. Além disso,



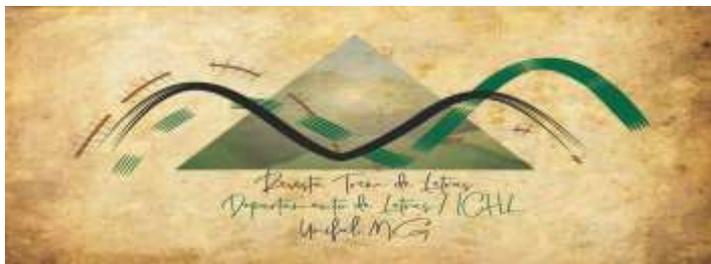
reassignificamos o lugar de pertencimento dos alunos das escolas, mostrando, pela atuação de alunos universitários e ex-estudantes de escolas públicas, que o Ensino Superior gratuito e acessível é para todos e todas.

4 Algumas últimas palavras

O caminho a ser trilhado é desafiador e ainda é bastante longo. Estamos em uma atual conjuntura sócio-histórica que permite e urge que reflitamos e tornemos material (o mais rápido possível) ações de DC. Ao longo deste texto, tentei explicar concepções da DC e compartilhar uma das experiências possíveis de divulgar os estudos da linguagem, retomando aspectos subjetivos nesse processo.

Porém há muito o que ser feito ainda. Partindo do princípio que o *projeto de dizer* de um texto de DC está atravessado por diversas formações discursivas (Martins; Cassab; Rocha, 2001) e constituído pela confluência de esferas cultural, científica e midiática (Lima; Giordan, 2021), é possível percebermos e recuperarmos por meio dos textos e dos enunciados linguísticos tais formações discursivas. É analisando os recursos estilísticos e textuais empregados ao explicar um conceito, por exemplo, que poderemos chegar a conclusões de como os sujeitos envolvidos na atividade de DC estão mobilizados dentro das diferentes esferas que constitui essa área.

Por conta disso, pesquisar sobre questões relacionadas a produção, circulação e recepção da DC no Brasil é necessário. Para tanto, tenho como ponto de partida um *corpus* de respostas de especialistas que responderam a questões feitas pela comunidade externa à Universidade sobre diversas temáticas científicas. Esse *corpus* é derivado de



outro projeto extensionista de DC, em que as respostas foram veiculadas em uma rádio federal do sul de Minas Gerais.

Essa pesquisa científica ainda está no início, com dois alunos de graduação sob minha orientação para investigar os enunciados e recursos sintáticos e semânticos desse *corpus*. Porém, ao final, poderemos constatar se os textos de DC reproduzem estruturas hierárquicas de poder (como alguém que sabe mais falando para alguém que sabe menos) sob o discurso de “*deixar o texto científico mais fácil, acessível ao leigo*”. Isso porque tomarei como norte a ideia de que atividades que se propõem a divulgar ciência devem ser concebidas dentro de um *projeto discursivo e dialético de dizer*.

Nessa breve explanação do que foi esta ação de divulgação ainda permaneço com uma questão. Não sei qual o limite dessa esfera subjetiva da DC; e não o sei por não ter instrumentos pertinentes para mensurar (se é que há!). Guardo, então, essa questão comigo, mantendo-a acesa como motivadora para elaborar outras ações extensionistas, de pesquisa e de ensino em DC, sob a lembrança de alunos e professores perguntando-nos acerca de quando voltaríamos àquela escola mais uma vez.

Referências

ALENCAR, N.E.S.; LIMA, F.F.F.; GOUVEIA, M.T.O.; SILVA, G.R.F. Notícias falsas em tempos de pandemia pelo novo coronavírus: uma análise documental. *Revista Cuidarte*, v. 12, n. 2, 2021.

AUTHIER-REVUZ, J. Dialogismo e divulgação científica. *Rua: revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade*, n.5, p.9-15, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640645>. Acesso em: 30 nov. 2021.



SILVA, M.E.F.A.E.; SOUZA, J.W.C. A análise do discurso e a construção da figura feminina em Chico Buarque. *Revista Roseta*, 09 jul. 2021.

BRASIL. Decreto Federal nº 88.067, de 26 de janeiro de 1983. Altera dispositivos do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963. Disponível em:
www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D88067.htm#art1. Acesso em: 16 out. 2017.

CAPARÓ, F.L; ALARCON, R.F. La COVID-19, la ciencia y la pseudociencia, un yin-yang peligroso. *Horizonte Médico (Lima)*, v. 21, n. 2, p. e1535-e1535, 2021.

CGEE - Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros. *Percepção pública da C&T no Brasil: 2015*. – Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2017.

CUNHA, M.B.; GIORDAN, M. Divulgação científica na sala de aula: implicações de um gênero. In: Cunha, M.B.; Giordan, M. *Divulgação científica na sala de aula: perspectivas e possibilidades*. Ijuí: Editora Unijuí, 2015.

DUARTE, J; BARROS, A. T. (Ed.). *Comunicação para a ciência, ciência para comunicação*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.

EGERT, R.; MORO, T. A publicação e propagação de notícias falsas: fake news e seu impacto em época de pandemia. *Revista Jurídica Direito e Cidadania na Sociedade Contemporânea*, v. 5, n. 5, p. 74-86, 2021.

ESCOBAR, H. Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre. *ComCiência e divulgação científica*, p. 31, 2018.

FINATTO, M. J. B.; EVERS, A.; STEFANI, M. Letramento científico e simplificação textual: o papel do tradutor no acesso ao conhecimento científico. *Letras*, n. 52, p. 135, 2016.

GALHARDI, C. P. et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 4201-4210, 2020.

GERMANO, M.; KULESZA, W. Popularização da ciência: uma revisão conceitual. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 24, n. 1, p 7-25, abr. 2007.

GRILLO, S.V.C.; OLÍMPIO, A.M. Gêneros do discurso e ensino. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 8, p.379-390, 2006. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i8p379-390>



LEIBRUDER, A.P. O discurso de divulgação científica. In: BRANDÃO, H.N. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, G. S.; GIORDAN, M. Da reformulação discursiva a uma práxis da cultura científica: reflexões sobre a divulgação científica. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 28, p. 375-392, 2021.

LIMA, G. S.; GIORDAN, M. O movimento docente para o uso da divulgação científica em sala de aula: um modelo a partir da Teoria da Atividade. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, p. 493-520, 2018.

LIMA, G. S.; GIORDAN, M. Propósitos da divulgação científica no planejamento de ensino. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 19, 2017.

MAGALHÃES, C.; SILVA, E.; GONÇALVES, C. A interface entre alfabetização científica e divulgação científica. *Revista Areté: Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, v. 5, n. 9, p. 14-28, 2017.

MARTINS, I.; CASSAB, M.; ROCHA, M. B. Análise do processo de reelaboração discursiva de um texto de divulgação científica para um texto didático. *Revista Brasileira de Pesquisa em educação em Ciências*, v. 1, n. 3, 2001.

MONTEIRO, M. G. Compartilhamento de saberes retoma essência da comunicação. *Jornal UFG*, Goiânia, ano X, n. 76, p. 3, mar. 2016.

MOREIRA, I. C.; MASSARANI, L. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In MASSARANI, L.; MOREIRA, I.C.; BRITO, F. *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002.

MUNIZ, R.W. A universidade calada. *ComCiência e divulgação científica*, p. 31, 2018.

OLIVEIRA, T. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. *Fronteiras-estudos midiáticos*, v. 22, n. 1, p. 21-35, 2020.

RIBEIRO, A. E. Multimodalidade e produção de textos: questões para o letramento na atualidade. *Signo*, v. 38, n. 64, p. 21-34, 2013.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. *Investigações em ensino de ciências*, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2016.

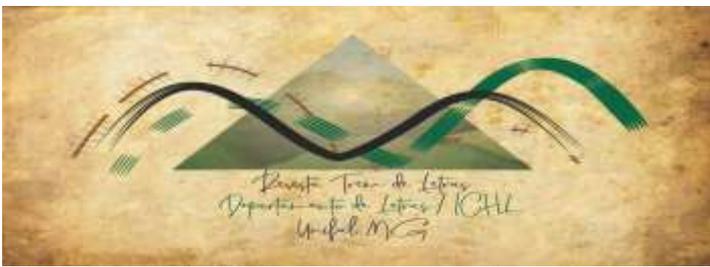


SCHERMA, M. A.; MIRANDA, V. G. Relatos de uma jornada exploratória por grupos com viés anti-ciência. *Revista UFG*, v. 20, 2020.

SILVA, M.E.F.A.E.; SOUZA, J.W.C. A análise do discurso e a construção da figura feminina em Chico Buarque. *Revista Roseta*, 09 jul. 2021.

SOUZA, J.P. Teorias da tradução: uma visão integrada. *Revista de Letras*, n.20, v.1/2, p.51-61, 1998. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Art09.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2021.

ZAMBONI, L.M.S. *Cientista, jornalista e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso de divulgação científica*. Campinas: Autores associados, 2001.



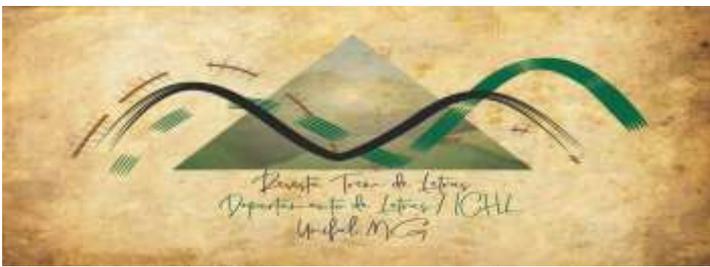
Science popularization split between objectivity and subjectivity: some reflections and contributions

Jackson Wilke da Cruz Souza
Universidade Federal de Alfenas

Abstract

My purpose in this paper is to highlight how Science Popularization (SP) can be conceptualized from practice, split between objectivity and subjectivity. The subjective sphere and the actors involved in SP activities have been poorly scored in the SP area. Thus, based on the pointed conceptions and the experiences reported about an action of dissemination in linguistics studies, I hope to contribute to raising reflections, discussions and dialogues related to SP and the subjectivity involved in it, in addition to trying to provoke (some) movement within from the academic field itself.

Keywords: Science popularization. Linguistics studies. Linguistics.



Difusão científica dividida entre objetividade y subjetividad: algunas reflexiones y aportes

Jackson Wilke da Cruz Souza
Universidade Federal de Alfenas

Resumen

Mi propósito en este ensayo es resaltar cómo la Divulgación Científica (DC) se puede conceptualizar desde la práctica, dividida entre objetividad y subjetividad. La esfera subjetiva, en especial, y los actores involucrados en las actividades de DC han sido mal calificados en el área de DC. Así, a partir de las concepciones apuntadas y las experiencias relatadas sobre una acción de difusión en el área de los estudios lingüísticos, espero contribuir a suscitar reflexiones, discusiones y diálogos relacionados con el DC y la subjetividad involucrada en el mismo, además de intentar para provocar (algún) movimiento dentro del propio campo académico.

Palavras chave Divulgação científica. Estudos lingüísticos. Lingüística.